



O largo do Calvário

CALVÁRIO

A minha caneta

AO PASSAR no largo da nossa Casa, deparo com uma caneta nas pedras da calçada. Pergunto se alguém a perdeu, mas ninguém se apresenta como dono. Tomo-a para mim. Arranjo papel e dito-lhe palavras. Ela gosta. Naturalmente. Foi feita para escrever e sente-se realizada. Encontrei nela um fiel amigo, que sabe esperar o momento para actuar.

Há tantos amigos, por aí, perdidos. O primeiro passo a dar para encontrar um é procurá-lo. Depois, tomá-lo a nosso cuidado; e, em seguida, permitir que ele se realize plenamente a nosso lado.

Dos doentes que tenho recebido no Calvário fiz muitos e bons amigos, exactamente porque os aceitei e lhes ofereci ensino de serem eles mesmos. Isto de atribuir uma responsabilidade, por mais pequena e simples, ajuda o Homem, e de que maneira, a ser verdadeiramente Pessoa. A todos damos oportunidades. Às vezes são coisas triviais, mas provas evidentes de que acreditamos na capacidade de quem as vai executar.

A caneta foi fabricada para escrever. O papel para muitos fins e entre eles o de registar o pensamento do Homem. Este foi criado para ser o realizador de tantos projectos; de ser o construtor do mundo, da justiça, da paz. E o cristão para ser um filho dilecto de Deus e levar a Mensagem de Cristo a todos os homens. Mas há tantos discípulos de Cristo que nada fazem. Contentam-se em ser cristãos de nome. Têm apenas orgulho nisso. Ora, para que serve ser cristão se isso não conduz a coisa alguma?

A minha caneta começa a fraquejar, a não querer escrever, talvez para que eu pare, ou para que, parando, veja que nem tudo é negativo. Há, na verdade, muita coisa boa entre os cristãos. Muitos são até plenamente felizes porque andam e actuam pelos caminhos essenciais do Evangelho — amar e servir.

E quem dá cartas neste capítulo do serviço são muitos dos humildes que aqui temos.

O Carlos, mongolóide, vem aos pulos em direcção a mim. Chamei-o e ele pressentiu logo que precisava dos seus préstimos. Que contente ele não fica quando o chamo para ajudar, para realizar pequenas tarefas!

A Maria Zé, por vezes, anda de mau humor. Nessas alturas convido-a a descansar, a não fazer

Continua na página 4

BENGUELA

A reconstrução do edifício humano é lenta

ESTAMOS a caminhar. Não podemos correr, que a reconstrução do edifício humano é lenta. As construções materiais são mais fáceis. Trabalhamos no alicerce — as crianças. É com elas, sobretudo, que vamos ganhando o nosso tempo e o tempo de Angola. É com elas, sobretudo, que se constrói a Angola nova de que muito se fala.

O ambiente condiciona o desenvolvimento da vida. É assim na Natureza, é assim com as crianças. O ambiente agressivo não permite o crescimento equilibrado. A propósito, estou a lembrar-me daquele pai que, um dia, veio procurar-me para receber o seu filho que se tornara insuportável. Fugia de casa, da escola, não era carinhoso... Sentámo-nos os dois a conversar um pouco. Fiquei a saber que a casa era um autêntico campo de batalha, com

marido e mulher a guerrear-se com muita dureza. O filho, mais pequeno, assistia a tudo e tudo ouvia. Resultado: agora, já mais crescido, toca a música que gravou ao longo do seu crescimento. Este filho é mais vítima do que réu. É a família que deve recompor-se.

Multidão de filhos atrofiados pelo ambiente agressivo

Levanto a cabeça e deixo que o horizonte se alargue. Vejo a multidão de filhos atrofiados pelo ambiente agressivo, em suas várias formas. São crianças, agora diminuídas, que vão ser os adultos de amanhã. O ambiente social degradado pelos adultos até à raiz, constitui uma verdadeira agressão às nossas crianças.

É interessante o esforço que muitas delas estão a fazer para resistir. É

extraordinariamente consolador verificar como crescem com vigor, tornando-se apoio de muitas outras. É estimulante para elas e para nós vê-las como ponto de referência para os que se cruzam no seu caminho. Somos testemunhas. E saber que, ontem, estavam também esmagadas pelo ambiente! Estamos a caminhar, mas devagar.

Em todas as situações pede-se muita atenção ao educador. Os pais são os primeiros educadores. Na falta dos pais, se a criança não tem quem olhe para ela e por ela, amando-a, perde-se.

A responsabilidade do grupo de chefes

O dia de ontem, domingo, trouxe-nos o sabor dum fruto que está a

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Pelo Alto Alentejo

PRIMEIRA paragem, no extremo norte da Vila. Guiámo-nos pelas torres da igreja, muito acolhedora e florida. Procurámos o pároco que nos atendeu bem. Esclareceu a situação do «Bairro dos Pobres» e o modo de vida: — *Todos muito pobres e bem comportados. Os Vicentinos ajudam-nos muito!*

Seguimos pela rua, a orientação que nos deram e, a certa altura, passámos à beira das casas. Parámos. Entrámos. Apareceram dois homens. Um, bastante delicado, foi descrevendo o aglomerado constituído por dezoito habitações, há trinta e três anos. Os utentes são quase todos reformados. Vivem da pobre reforma. Não pagam aluguer nem água. Só a luz. Vivem em paz e como amigos. O Bairro é maravilhoso! As casas construídas à volta, em três secções. O terreno interior bem cuidado, com árvores e flores. Um lugar atraente!

Continua na página 3



Casas, ruas, árvores e flores — tudo bem cuidado.

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — Já sabíamos do caso por *samaritanas* que numa primeira abordagem procuraram fazer o ponto da situação: uma família vítima do álcool. Não adiantamos mais, por respeito à privacidade.

Hoje, topamos uma senhora idosa. Parente afastada daquele agregado, a quem no momento sublinhámos que os familiares não podem nem devem meter a cabeça na areia, excluir os que precisam, remetendo para outros o encargo. Deu um bom testemunho:

— *Ele (o pai) não pode ter dinheiro na mão...!* Ponto assente. — *O que poderemos fazer: é procurar pôr a mesa às cinco crianças.*

Hoje, parte dos necessitados descem ao sub-mundo da miséria por fraquezas pessoais, pelos vícios da sociedade de consumo. Aquela idosa qualifica ao *rés-do-chão*: — *O mal dele é da cabecinha...*

Três dos pequenos estavam sem livros, nas aulas. O subsídio oficial para material escolar todos os anos é distribuído com atraso.

— *Como aquelas crianças sofrem! Vêm os outros com tudo e eles sem nada...*, comenta a avozinha.

Metemo-nos a caminho. Procurámos as obras na livraria. Comprámos vinte e sete contos de livros e entregámo-los na mão dela — para os distribuir familiarmente.

Lá foi com alegria, com um sorriso nos lábios: — *Os meninos vão ficar muito contentes!*

PARTILHA — Três mil, da Avenida da Liberdade — Lisboa. Assinante 35808, também de Lisboa: *«Sou uma velha amiga de Pai Américo. Quando era estudante conheci-o em Coimbra. Segue um cheque, de dez mil, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, em agradecimento a Deus, por intercessão de Pai Américo nas melhores do meu marido. Só uma oração por ele, filhos e netos. É pedir muito?»* Não senhor! Cumprimos.

A *«pequenina ajuda»*, habitual, do assinante 9790, de Oliveira do Douro, que ousa *«pedir uma oração por todos os que estão prestes a partir para o Pai»*. Que bem!

Presença *«de uma portuense qualquer»*, *«respeitante aos meses de Outubro e Novembro»*, por vale do correio. Mais outra *«partilha de Agosto/Setembro, com saudações fraternas e muita amizade, de 'uma Assinante de Paço de Arcos'»*.

Quatro mil, do assinante 31168, de Miramar. Três mil, da *«Avó dos cinco netinhos»*, Setúbal. Cinco mil, *«por diversas intenções»*, do assinante 42971, de Ovar. Mais cinco, da assinante 35019, de Carnaxide: *«Ainda não li todo O GAIATO que recebi hoje, mas aproveito o intervalo do almoço para enviar um pequeno donativo para a mãe que tem feito tudo para salvar o filho. Deus a ajude»*. Com a mesma intenção, o mesmo fervor, compareceram a assinante 9708, de Coimbra, e a assinante 20617, de Lisboa.

Óbolo mensal da assinante 31104, da Capital: *«Que a*

Pelas CASAS DO GAIATO

minha intenção chegue ao Reino dos Céus — pelo descanso dos meus em Santa Paz».

Cheque de Maria de Lurdes, Matosinhos, *«para a necessidade mais urgente da Conferência Vicentina de Paço de Sousa»*. E uma outra presença muito rica, de Mem Martins: *«Agradeço o anonimato. Apenas uma nota acusando recepção n'O GAIATO»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — É preciso ter a noção de quanto o estudo é importante no futuro de cada um.

Hoje é muito difícil organizar a vida sem *diplomas*. Por isso, quanto mais cedo metermos isto na cabeça, melhor, pois ajuda-nos a concentrar mais nas aulas.

VINDIMA — Vamos ter boa colheita, graças a Deus.

O grupo que ficou responsável pela vindima já colheu quase toda a uva branca. Depois será a do vinho tinto!

SILAGEM — Houve que parar a vindima alguns dias para a silagem.

O milho foi guardado no silo para alimentação do gado.

VISITAS — Temos recebido muitas visitas e ficamos satisfeitos com a intenção dos visitantes.

Nestes últimos domingos tivemos a visita dos nossos gaiatos do Tojal.

Agradecemos, especialmente ao Rancho Típico do Ilhéu. Não só a visita mas também o donativo que deixaram e a partida amigável de futebol.

DESPORTO — Temos realizado alguns encontros de

futebol. Apesar dos resultados, as nossas exibições deixam muito a desejar. Certamente o técnico já reparou e nos treinos vamos trabalhar para dar melhor rendimento nos jogos.

Desde já pedimos que se alguém estiver disposto a realizar um jogo de amizade com o nosso Grupo Desportivo, é simples: telefonem para o (055) 752285 ao cuidado do Mauro; ou então escrevam para *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — 4560 Paço de Sousa*.

CARAS NOVAS — Acolhemos mais rapazes. Dois irmãos de cor: o Wilson, com três anos, e o Mauro que é mais velho.

Adaptaram-se facilmente à nossa Casa, à nossa família.

UM PEDIDO — **Haverá alguém que possa arranjar-me o primeiro emprego? Estou disposto a trabalhar em qualquer coisa, de preferência como impressor tipográfico.**

Espero a vossa ajuda. E agradeço.

«Vitinho»

TOJAL

ESTUDO — Já acabaram as obras no local do nosso estudo. Agora, temos um bom ambiente para estudar.

PORCOS — Uma porca deu à luz treze leitões, mas, infelizmente, morreram dois.

FESTA — No domingo, dia 13, houve festa em nossa Casa: o casamento do Ângelo. Foi a altura de deixar esta e de construir a sua própria família.

Agora, esperamos que seja muito feliz com a sua esposa.

CARAS NOVAS — Em nossa Casa recebemos mais

alguns irmãos: Ruben, Micael, Mário Rui, Carlos Miguel, Hugo Ricardo, Flávio, José Vicente, Arone e Tiago da Fonseca.

Arnaldo Santos

SETÚBAL

HORTA — Semeámos dois grandes alfobres com várias qualidades de couves. E plantámos: tronchuda, repolho coração de boi e repolho lombardo.

No fim, regámos tudo. É uma alegria vê-las já pegadinhas e a crescer!

ÁRVORES DE FRUTO — As laranjeiras, várias centenas, estão a ficar limpas, bem regadas e carregadinhas de fruto.

Os damasqueiros a perder a folha. Na Primavera darão folhas e fruto.

As macieiras estão no seu Outono, a despir-se para que o Inverno lhes mate a bicharada.

Nas figueiras ainda há figos dependurados, de envelhecidos.

Agora esperamos que a Primavera dê vida nova, com frutos.

TOMATE — Tivemos grande abundância. Dias de muita alegria a apanhá-lo. Todos gostamos de colher esse fruto vermelho. Levámos para a fábrica oitenta toneladas e ficámos com o necessário para a nossa alimentação.

MILHO — Já ensilámos bastante, mas ainda temos muito para colher. Os campos foram muito briosos. Nunca houve tanto milho como este ano: dois silos cheios! As vacas estão com sorte e quando andam na pastagem ficam pasmadas a ver a máquina a cortar e a triturar o milho. Parece que entendem ser para elas!

Cronista X

AULAS — Começaram logo no dia 16 para os rapazes do quinto e sexto anos. Eles foram todos satisfeitos por terem começado mais cedo. Logo a seguir começou para os rapazes da escola primária. No dia 23 de Setembro para os restantes.

Agora só nos resta desejar-lhes boa sorte.

AULAS DE MÚSICA — Alguns dos nossos estão na escola de música em Setúbal. Uns aprendem a tocar flauta, outros piano (órgão), outros violão, e um bateria. São estes rapazes que tocam na nossa Capela aos domingos durante a Missa.

FESTAS DE NATAL — O Sousa começou a ensaiar. Já temos alguns números quase prontos para as nossas Festas de Natal a realizar no dia 24 de Dezembro, se Deus quiser.

Os rapazes mais velhos preparam o seu número apesar de ainda faltar muito tempo para o Natal.

Os ensaios ocorrem durante os fins-de-semana.

TROPA — Foram mais quatro rapazes para a tropa, durante a semana anterior. Três no domingo e o outro na segunda-feira.

Dois deles foram para Leiria, outro para Extremoz e mais outro para Beja.

Nós desejamos-lhes boa sorte.

COMPUTADORES — A Ford Electrónica ofereceu 12 computadores, que nos fazem muito jeito, para que os rapazes aprendam a trabalhar.

Agora foi a vez da Portugal Telecom, com mais seis computadores, três para a casa de Algeus e outros três para os rapazes que estão no Lar de Setúbal.

Em nome de todos os gaiatos, muito obrigado para ambas as Empresas.

Marco António C. Gomes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Hoje vamos falar de uma pequena história de S. Francisco de Assis nosso padroeiro.

Pensai nesta história!

S. Francisco de Assis, então era apenas Francisco, que certo dia seguia a cavalo por uma estrada e apareceu-lhe um leproso que lhe estendeu a escudela; Francisco fica horrorizado e foge a toda a pressa e atira-lhe uma bolsa cheia de dinheiro. Esta é a reacção natural do coração humano. Mas eis que movido sabe-se lá porquê, talvez a voz de Deus, Francisco detém-se, volta para trás e aproxima-se do leproso e beija-o como um irmão. Deus-se uma renovação no coração de Francisco, entrou nele o amor de Deus e foi com esse amor que pôde amar esse homem. Deus não reclama de todos os mesmos gestos heróicos, mas pede-nos para amarmos o próximo como a nós mesmo.

Um amigo de Lourosa que vem como anónimo, enviou um cheque de 2.000\$00.

De Alice Ramos um vale de 2.000\$00. José d'Eça, 10.000\$. Assinante 113, 50.000\$00. De uma assinante de há longos anos, 2.000\$00 mais algumas roupas que fazem sempre jeito.

J. R. D., 2.000\$00. De M. M., 10.000\$00. Do senhor Manuel Pires, de Braga, 2.000\$00 em cheque, o que já temos recebido deste senhor mais ofertas só que não anunciamos o nome porque nos pedem anonimato e nós respeitamos essa vontade de alguns amigos nossos; por isso pedimos desculpa.

Um bem haja a todos; que Deus lhes pague.

Maria Germana e Augusto

Cantor-pedinte

Sou um cantor-pedinte
Que vem do bairro mais pobre
E que se expõe com talento
Nas vossas ruas chiques.

Ouço as vossas críticas,
Quando olhais para mim,
Toco e canto melodias
Inspiradas em causas nobres
Para dar sentido
Às vossas vidas
Vividas no eufemismo.

Depois de me ouvirdes
E antes de virardes
As vossas costas
Dai-me as vossas esmolras
Para pagar meu sustento.

Ouço as vossas piadas
Quando passais por mim.
Peçam-me para tocar
As canções que vos agradar
Pois todas elas
São compostas de Paz e Amor
Capazes de vos fazer sorrir!

Depois de me ouvirdes
E antes de virardes
As vossas costas
Dai-me as vossas esmolras
Para pagar meu sustento.

Manuel Amândio



Setúbal — Eles mudam a mangueira grossa para regar as couves que plantaram.

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Continuámos. Fomos parar a uma aldeia grande. Toda a gente nos soube dizer onde fica o «Bairro dos Pobres». Encontrámo-lo facilmente. No fim da rua, casas bem tratadas, muitas ruas e flores, muita limpeza. Tudo nos indicava que era ali. Abordámos um idoso com enxada pronta para fazer um «terreiro» debaixo da oliveira para colher a carga de azeitona. Ele contou: — Foi o senhor F. que mandou construir estas dezenas de casas em terreno seu e deu-as aos Pobres. No princípio pagávamos oitenta escudos por mês, que eram para a Misericórdia cá da terra. A Família achou bem a bondade dele e, agora, ninguém paga nada.

Despedimo-nos, consolados. Avançámos para outra localidade. Logo à paragem informaram que uma senhora, da terra, ergueu dois lotes de moradias e deu-as a quem trabalhou na sua quinta. Outra boa notícia! Necessidade resolvida.

Conclusão:

Três modos diferentes de fazer bem, de resolver graves problemas. Caridade bem ordenada!

No primeiro, um Capitão, dali natural, tomou no seu coração a construção das moradias e, com os Vicentinos, alojou os Pobres. A Câmara Municipal responsabilizou-se pelo arranjo e urbanização do largo, conti-

nuando a manter a conservação daquele espelho de delicadeza.

No segundo, um senhor, com o seu dinheiro, em terreno próprio, mandou construir e dispôs ao desejo dos sem-habituação um prédio capaz e atraente para a Misericórdia cumprir a sua missão de bem-fazer, continuando os familiares o bom exemplo.

No terceiro caso, a senhora exerceu a caridade e a justiça. Com bom critério. Ajudou aqueles que a ajudaram.

Três testemunhos muito humanos, muito cristãos. Devem entrar no coração e na vida de cada um. Tanta gente com dinheiro, com terrenos, e não fazem bem nenhum!

Padre Horácio

BENGUELA

Continuação da página 1

amadurecer: a responsabilidade do grupo de chefes perante um acontecimento anormal, dentro da nossa vida. Eles mesmos decidiram enfrentá-lo e dar-lhe resposta: Chamar a contas os três rapazes que se fizeram amigos do alheio. Eram rapazes nossos. Não tenho dúvidas de que o ambiente que se respira lá fora, tem a responsabilidade maior. É um ambiente altamente agressivo dos valores normais que estão na base duma convivência humana

aceitável, como o respeito pela vida e pelas coisas dos Outros. Por isso, são autênticos heróis as crianças que resistem e ficam de pé. Isto nos basta para continuar a trabalhar com alegria e com muita esperança. Há-de ser com a ajuda deles que se há-de fazer a história digna de cada um. Quem nos dera ser sempre capazes de mostrar com gestos, talvez pequeninos, que os amamos muito. Lembrei-me, de repente, da visita que nos fez, sem contarmos, aquele amigo de Leça da Palmeira, trazendo-nos fio e anzóis para a pesca dos domingos, pedido pelo cronista num dos seus escritos. Bem haja, em nome de todos os nossos pescadores e não pescadores!

Padre Manuel António



As nossas vacas

ELAS fazem grande parte da vida desta Casa. São oitenta. Para melhor serem tratadas, e darem fruto, estão divididas em três secções: as leiteiras, o maior grupo, estão a dá-lo actualmente; as secas que já o deram, voltarão a dá-lo; as bezerras dá-lo-ão a seu tempo.

As vacas são uma fonte de trabalho e ocupação para os tratadores. O grupo da erva ceifa uma carrada por dia e o dos vaqueiros dão comida, ordenham o leite, fazem a limpeza e acompanham-nas ao pastoreio. Os tratadores também têm as suas aulas. Os trabalhos são feitos nas horas vagas.

Os rapazes são ajudados pela ti Ilda, com setenta e cinco anos e já há muitos com esta obrigação. Uma apaixonada pelas vacas! Trata-as pelo seu nome e elas entendem-na. Os rapazes chamam às vacas «as meninas da ti Ilda». Gosta que a tratem assim e é também uma apaixonada pelos rapazes.

Ontem referiu, com muita alegria, a notícia de que nos últimos dias «deram novecentos e setenta litrinhos de leite. Então não é bom? Se fosse bem pago e não tivéssemos de estar à espera do dinheirinho!...» Disse dos dez vitelinhos que estão à parte. Queixou-se também de que ninguém aparece para os comprar — pelo que eles valem: «É uma desgraça para o pobre lavrador!»

Um dos quadros mais belos são as horas do pastoreio. Todos os dias, menos aos domingos, das onze às treze horas, as vacas vão para o campo pastar. Alguma mais sôfrega e fugitiva fica no cerco. A humildade, a obediência e a mansidão destes animais são uma fonte de educação e promoção dos nossos que procuram corresponder no modo como as tratam.

Quase todo o nosso trabalho na quinta é em função do tratamento das vacas. Os campos de milho são ceifados e o cereal enche dois silos para as rações de que as vacas gostam muito. A erva, no seu tempo, leva as mesmas voltas, embora os animais não apreciem tal alimento.

Com esta actividade em nossa Casa a vida torna-se mais fácil para que todos estejam ocupados nas horas vagas. Ai se assim não fosse em nossas Casas!...

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

NOS dias de ausência do Padre da Casa, para retemperar forças, mais ocasião temos para apreciar o lema profético de Pai Américo para a sua *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. É necessário estar dentro e procurar viver esta vida.

Logo de manhã começa o dia com o toque da sineta a cargo do encarregado do café. Pontualidade! A seguir ao pequeno-almoço o chefe-maioral que escolheram, distribui

tarefas e encarrega os chefes de grupo: — Cada mocho prò seu soito, como dizia Pai Américo.

Eles na limpeza e arrumo da Casa. Eles na cozinha a limpar e a preparar a comida. Eles na copa a lavar e a limpar a loiça. Eles na sala de jantar a tirar a loiça, a limpar as mesas e a passar o pano pelo chão. Eles na sala de costura a escolher, a dobrar e arrumar a roupa. Eles na vacaria a tirar o leite às vacas e a chegar rações e outros alimentos. Eles no campo a cortar erva, a sachar plantas, a regar árvores, a colher frutos. Eles nas oficinas a aprender e a executar trabalho pròs fregueses. Eles pelas lojas e ruas da cidade a apregoar e a distribuir O GAIATO. Eles a entrar para as aulas ao toque da sineta. Os mais pequenos a procurar e a apanhar papéis e lixo nos largos e ruas. Eles em toda a parte onde for necessária a mão do homem.

Ao passar por este mundo todo ocupado e responsabilizado no seu trabalho ficamos abismados com tal lema da Obra, na educação e promoção das crianças e adolescentes que vêm da rua, do abandono, ou da carência familiar. Cada vez nos firmamos mais no bom resultado de crescimento humano por sentirem-se ocupados e valorizados.

Não venham «os só teóricos» contradizer e refutar todo o trabalho infantil. Ai de nós e das nossas Casas se não nos deixássemos conduzir por este lema: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes!*

Padre Horácio

DOCTRINA



Ama os teus inimigos; faz bem aos que te querem mal.

Do Evangelho

PREGUEI a Mensagem de Jesus no passado domingo, no histórico púlpito de Santa Cruz, a um piedoso auditório: — *Dou-vos um novo Mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como Eu vos amei.* Preguei, apaixonado eu mesmo por estas palavras do Mestre e com desejo estuante de que os mais se apaixonem também.

O primeiro Mandamento era conhecido dos contemporâneos de Jesus e ensinado nas sinagogas pelos mestres da Lei. O amar a Deus sobre todas as coisas andava na boca de toda a gente, sim, mas os homens — não. Havia classes e seitas. Havia gregos e romanos. Havia os limpos e os impuros, os publicanos e os fariseus — e havia ódio aos inimigos. *Ego, autem, dico vobis... Dantes, ensinava-se assim... Eu, porém, agora ensino... É uma voz nova que se ouve no mundo; um novo ensinar, cheio de autoridade e de compreensão, Mandamento Novo — o Meu Mandamento — a Mensagem de Jesus aos homens de boa vontade.*

SENHOR, a Vossa mensagem escrita naquele tempo com o sangue da Cruz, é hoje praticamente ignorada! Ele não falta quem diga amar a Deus; é muito cómodo e muito barato. Porém, quando chega a ocasião de amar o nosso semelhante, pergunta-se e quer-se saber primeiro quem ele é, como fizeram outrora os da parábola do Samaritano; e sem se importar com a lição do Evangelho, cada um sai a cuidar de si, dos seus negócios, da sua casa, dos seus berloques — deixando ficar na estrada, caídos, os Irmãos estropeados. Esta doutrina é formidável quando ensinada por homens apaixonados que amam, até ao sacrifício, aqueles mesmos para quem pedem clemência e amor.

A mensagem foi religiosamente escutada. Nunca, desde que peço esmola para os Pobres no púlpito de

Santa Cruz — nunca me deram tanto dinheiro como agora. Senhor do Evangelho, Rei Imortal dos Séculos, escolhei, chamai apóstolos desprendidos e mandai-os pelo mundo fora ensinar aos homens o Vosso Mandamento. A vida do Pobre, difícil em todos os tempos, neste que atravessamos, atinge proporções de calamidade. Além de muitos lares desfeitos onde queimo as horas do dia, outros começam a desmoronar-se por causa de bens mal guardados ou mal distribuídos. Não são para contar aqui as lições de resignação que ouvimos dentro dos pardieiros com olhos rasos de lágrimas; nem tampouco medir a fundura das palavras e dos queixumes dos nossos visitados. Não são para contar, que a dor deve ser respeitada; mas são para sentir e atizar o zelo de quem os visita.

OH, não queiras ser tu insensato, trocando pelo amor a Deus o amor que deves ao teu semelhante. Nem tomes por injúria o nome que os Apóstolos da Ressurreição chamam aos que assim fazem; pois muito bem pode acontecer que tu tenhas o mesmo nome e sejas um mentiroso quando bates no teu peito e dizes que amas muito a Deus sem queres saber dos que batem à tua porta por necessidade. Olha para as feridas dos teus Irmãos e medita, que talvez elas hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus; e daí vem a mentira que tu és.

AMANHÃ vem ver-me no púlpito do Colégio Novo, se fizeres gosto nisso, a continuar a revolução pacífica do Mandamento Novo — tão velho como desconhecido. Não sei se me terei que não pregue ali ou em qualquer das igrejas que ainda me faltam, o desabafo do Paciente do tugúrio: — *Por causa dessa gente, Padre, passamos aqui tanta fome! E alguma dessa gente aparece nas igrejas, enfeitada, às Missas do alto dia, a bater no peito e a dizer que ama — amaldiçoados do Pobre! Melhor fora nunca entrar nas igrejas nem ouvir falar de Deus! Mais sobriedade. Mais respeito. Mais valor.*

P. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

VISTAS DE DENTRO

ENCONTROS em Lisboa

Acolhemos três irmãos com sede de carinho

COM o Verão apareceram algumas vagas a preencher, porque, em nossa Casa, não pode haver camas vazias e gente a precisar de as utilizar. Surge então o drama da escolha. Fica-se doente com a quantia de não que é necessário dizer face aos sins que podemos acolher.

Desta vez vieram três irmãos que deram logo nas vistas atendendo ao seu estado geral e falta de alimentação e cuidados básicos de higiene e saúde. Os dois mais pequeninos, de sete e oito anos, dão abraços e beijos a toda a gente que encontram, tal é a sede de carinho. Quando fui ver a situação fiquei dois dias sem conseguir dormir.

Com efeito, ainda não sei se vamos conseguir fazer alguma coisa com eles. Foram tão mal tratados que os desequilíbrios são profundos. A mãe abandonou o lar logo que o mais pequeno nasceu e o pai, atolado no alcoolismo, não se preocupou nada com os filhos ou em encontrar soluções e eles lá foram crescendo... Faltou a mãe e faltou quem tomasse o lugar dela.

Precisamos de mulheres com disponibilidade total para serem mães dos gaiatos

Agora, em nossa Casa, quase precisam de uma pessoa só para eles e as senhoras disponíveis, que Deus nos deu, não chegam a todos os lados. Daí o meu drama. Sinto que não seremos uma resposta completa, mas também não tive a coragem de os deixar onde e como estavam. Creio que compete a Deus despertar no coração de mulheres

com disponibilidade total para serem mães destes a quem ela faltou. Creio que compete também aos cristãos uma resposta aos apelos de Deus através destes nossos irmãos.

O casamento do Ângelo

No meio destes dramas aparece como um bálsamo o acontecimento que marcou a nossa vida nestes dias: o casamento do Ângelo. Ao fim de 12 anos de vida conosco partiu para constituir a sua nova família. Aparentemente tudo em ordem e como deve ser: tempo longo de namoro sereno, formação humana e profissional, emprego, casa ainda meio mobilada porque não é tempo de já ter tudo, preparação para o casamento... Só nos resta desejar que eles lutem pelo seu casamento que Deus não faltará com a sua bênção. Para as leituras eles escolheram o Evangelho de Mateus: «Vós sois o sal da terra», «Vós sois a luz do mundo». Em nossa Casa precisamos tanto de exemplos de famílias que projectem os nossos rapazes para um futuro que valha a pena, dado que, no baú do seu passado, trazem apenas trapos que nada valem!

Padre Manuel Cristóvão

Continuação da página 1

nada. Ela fica triste e passa o resto do dia a suplicar: — *Deixe-me trabalhar.*

Não servir para nada é o pior estigma que se lhes pode aplicar.

O vazio de tantas vidas vem daqui — do tédio, da nulidade do viver.

Dizia-me alguém, há dias: — *Eles gostam de trabalhar porque são atrasados.* Querria este senhor dizer que os espertos não trabalham. Como os homens retorcem a verdade! Mas, *«a quem muito foi dado mais será*

A irmã Morte

† A irmã Morte visitou estes dias a nossa grande Família. Primeiro o Herculano Duarte, um dos primeiros rapazes de Pai Américo no Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios e também dos primeiros enviados para Angola onde viveu até que o deixaram lá viver. Ali lhe nasceram os filhos. A primeira filha casou na nossa Capela de Malanje e aí foi também baptizada a primeira bisneta da Obra da Rua.

A semana passada o telefone trouxe-nos a notícia da sua partida após doença prolongada, «aquela que não perdoa» como é usual falar dela. Não pude estar presente, mas fi-lo presente no Altar. E aí lembrei o nosso primeiro encontro em Catete e as revoadas de pássaros que ele abatia com um só tiro e fizeram a deliciosa arrozada daquele dia.

O Senhor o tenha — terá, assim o espero! — conSigo. E conforte sua Esposa e filhos e netos.



† Depois foi o «Zé Mau», o José da Costa, de Coimbra, que não chegou a ser gaiato mas foi dos primeiros nas colónias de férias no campo que foram o prelúdio das Casas do Gaiato.

Padre Horácio conheceu-o melhor e tenho pena que não seja ele a escrever esta nota. Eu vi-o

duas ou três vezes, em efemérides importantes da Obra, como foi, ultimamente, o centenário de Pai Américo.

Curioso que ele nunca enjeitou o apelido de «Zé Mau» que nesse tempo (anos trinta) lhe deram. E no próprio cartão em que a família agradece aos que dela se condoeram, o apelido segue o nome de registo, qual cognome de que nem ele nem os seus se envergonhavam.

E no cartão esta legenda: «José, em acção de Graças pelo conforto que recebeste de Jesus na hora da tua morte».

É bonita, e na verdade reconfortante para quem tem Fé, pois que também foram bem provados pela dor os seus últimos dias.

Eu não sei se foi este Zé, de braços abertos, que Pai Américo tomou para «ex-libris» da Casa e d'O GAIATO. Sempre ouvi falar no «Quim Mau» e não no Zé. Mas agora fico em dúvida. E se na verdade há um Quim desse tempo, amigo deste Zé, conforme a sua esposa me disse pelo telefone, peço-lhe que apareça e nos esclareça.

De qualquer modo, eles são parte também da História da nossa Obra.

Ao Herculano e ao Zé, que Deus os tenha no Seu regaço.

Padre Carlos

UMA visita da catequese paroquia de Figueiró dos Vinhos, com 20.600\$00, abre o rol de presenças que se estendem de Julho a Setembro, entre nós.

Na mesma altura, «num à parte», mais 20 mil, também de Figueiró. Mais 5 mil, do Estoril; e 25 mil, de Coimbra. Adelina com 30

Tribuna de Coimbra

mil, também de Coimbra. Os habituais 12.195\$, mais ou menos, conforme manda o câmbio, de Fernanda que vive em Lausanne.

Mais 6 mil, de Coimbra. Uma Fernanda, de Sines,

com 20 mil. Uma Odete, de Amadora, com um vale de 10 mil. Mais 5 mil, de Coimbra. Mattos Chaves, com 20 mil. Nove mil, de Castelo Branco. Marília repete o mesmo gesto dos 100 mil. Na Praia de Mira, 30 mil, de Maria Fernanda; e 50 mil, de Albino.

Do Fundão, uma Henriqueta «saldá» a dívida com cheque de 10 mil. Fernanda, de Tomar, com 22.200\$00. Mil, de Francisco, de Castelo Branco.

O 7.º B da Escola C+S Inês de Castro, com 40 mil. O 6.º C da Escola Preparatória Rui Andrade, do Entroncamento, com 25 mil. Mais 15 mil, do 5.º C da dita Escola.

Uma excursão da Marinha Grande com 23.425\$00. Os habituais 8 mil, de Sá Gil, entregues no nosso Lar de Coimbra. Uma Susana, de Coimbra, com 2 mil. Cinquenta mil, de Cantanhede.

Outra vez a presença de Fernanda, de Lausanne. Maria Leal, outra vez, com 100 mil, cheia de saudades do seu ente querido, já na Casa do Pai...

Um casal amigo, de Coimbra, com um envelope de notas até 205 mil. Outro casal, da Lenticqueira, por mão do nosso Padre Horácio, com 40 mil. Mais 35 mil, de «Golo, Golo» — Carlos Cruz Audio-Visual, oferecido a esta nossa Casa. Ilda, de Almada, com 5 mil. Outro tanto, de Coimbra. Agora, três vezes mais, também de Coimbra. Três mil, de Castelo Branco. Outros 5 mil, de Maria Alice, de Porto de Mós. Igual quantia de Madalena, de Castelo Branco. Oito mil, de Douroana — Soure. Também habituais. De Telma, Covilhã, 5 mil. De Barata Fernandes, de Coimbra, 10 mil.

Padre João

CALVÁRIO

exigido». Todos nós temos capacidades, valores, tempo — e que fazemos de tudo isto?

Hoje em dia, tira-se um curso, amigalham-se conhecimentos cuja finalidade primária é obter mais dinheiro possível. E se este aparecer sem haver necessidade de trabalhar, melhor ainda. Raramente se obtém

um diploma para serviço ou partilha com os demais. Primeiro o dinheiro. E como este é o fim principal, há que conseguir o certificado que mais proventos traga e menos cuidados dê. Dividir aquilo que se sabe, servir os Outros, não é prioridade em nossos dias, até para muitos cristãos.

A minha caneta está a extinguir-se. Já mal escreve. Cumpriu a sua função. Como é bonito morrer no seu posto! Como é belo dar tudo até ao fim!

Padre Baptista

SETÚBAL

Pobres

VISITAS amigas vieram desta vez solicitar-nos que fôssemos ver uma grande miséria das suas redondezas.

Tinham-na descoberto porque o pai de família apareceu no estabelecimento de que são proprietários, gerentes e trabalhadores a pedir comida para os seus filhos, de lágrimas nos olhos. Foram ver e ficaram aflitos.

Não há nada como ir ver. Os olhos são o espelho da alma, disse alguém com muita propriedade. Quando a gente vê e observa, todos os outros sentidos e sentimentos trabalham dentro de nós. É o olfato, o ouvido, o sentido estético, o confronto com a nossa e outras vidas; é o presente e

o futuro, é a amargura e a tristeza e, às vezes, mesmo sem querer, também a revolta.

Sempre que posso, vou ver e tenho pena de não poder, ao menos uma vez por semana, passar um dia com os Pobres.

É com eles que o Espírito de Deus me enche a alma. A visão clara da vida e do Evangelho tem com eles uma expressão mais actual. Visitar os Pobres é uma acção paralela e tão reconfortante como fazer oração, embora nenhuma dispense a outra na vida de ninguém.

Encontrámos num acanhado e sufocante rés-do-chão uma jovem de 26 anos com seis filhos tendo a mais velha dez anos. A cozinha sem chaminé nem respiração enchia a casa de vapor de água. O chão era cimento. O quarto onde os pequenos dormiam amontoados no chão não tinha

qualquer respiração pois a janela fora tapada por um vizinho das traseiras, como a da casa de banho. Só o compartimento onde faziam sala era arejado por uma abertura.

O desalinho da casa agravava-se constantemente por um dos filhos, deficiente profundo, tremendamente agitado, que, quando cheguei, mexia com as duas mãos todo o conteúdo da sanita.

Diante deste quadro a perplexidade é o primeiro estado que se apodera de quem não é experiente. Daí a aflição dos meus visitantes: — *Venha ver.*

Pedi ao casal que trocasse o lugar da sala para o do quarto das crianças. Os serralheiros fizeram quatro beliches que instalámos na divisão que fazia de sala e era mais arejada. A Lisboa fomos buscar uma cómoda e um guarda-roupa. Os mesmos

serralheiros — os gaiatos — construíram uma chaminé com fuga, colocada também por eles, em dias seguintes. Comprei quatro colchões, à medida, e da nossa roupa foram os lençóis, os cobertores e as colchas. Ordenámos o que pudemos, mas ficou-nos a incapacidade de acompanhar. Isso pertence à comunidade eucarística daquela área. Mas ela não o faz. Ninguém a educa a isso. Ninguém educa na Fé. Tudo morre nas tintas da liturgia. Àquela comunidade falta-lhe a visita aos Pobres e falha, sobretudo, a visita aos pobres do seu pastor.

Nos quadros vivos da incapacidade humana aprende-se mais que nas semanas ou jornadas sociais, mais que nas conferências lidas ou ouvidas de todos os mestres.

Padre Acillo